

A SÁTIRA NA POESIA E NA POÉTICA DE JORGE DE SENA

Carlos Nogueira*

RESUMO: A sátira seniana acusa numa linguagem que é sem dúvida uma das mais ricas e autoconscientes da poesia satírica de língua portuguesa. A partir desta evidência, este artigo procura compreender o sentido marcadamente intelectual de uma criação que investe na diversificação de registos (do culto ao mais coloquial e obsceno) e na coexistência de estados psicológicos e mentais (melancolia e ira conjugam-se num composto cuja tonicidade varia de acordo com a relação de forças em jogo no poema).

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; sátira; autoconsciência.

ABSTRACT: *The satire of Jorge de Sena is an accusation worded in a language which is one of the richest and fullest in self-awareness of all the satirical poetry written in Portuguese. From this evidence, the essay moves into the analysis of the markedly intellectual meaning of a creation investing in the diversification of verbal styles – from the most erudite to the most colloquial and obscene – and in the coexistence of states of mind: melancholy and anger are brought together in a compound whose emphasis varies in accordance with the play of forces acting in the poem.*

KEYWORDS: *Poetry; satire; self-awareness.*

Inscrito na dispersão de tendências paralela e sobretudo posterior à aventura surrealista, Jorge de Sena pontifica como um dos expoentes máximos da sátira portuguesa. Efectivamente, não é possível fazer uma leitura da poesia do autor de *40 Anos de Servidão* sem se discernir o relevo, qualitativo e quantitativo, que nela assume a problemática da sátira enquanto procedimento de espírito, tonalidade e espécie textual.

A sátira seniana constitui um dos acentos da linguagem-testemunho que decorre naturalmente da componente crítica de uma concepção de poesia indissociável do postulado de que o encargo de estar no mundo implica uma dignidade muito especial. Ora, em Jorge de Sena, o testemunho dado através da sátira é, muito mais do que revelação ambígua, esconjuro provocantemente desbragado, sarcasmo sem complacências, impugnação directa de todos os tipos de mistificações e de todas as formas de desumanidade. Exorcismar poeticamente os absurdos da cupidez do ser humano: eis a função mais imediata de um intimismo que, igual ou semelhante a outros no conteúdo, é diferente pela ausência explícita do lúdi-

*Doutor pela Universidade do Porto, 2007. Publicou, entre outros, os livros *Cancioneiro Popular de Baião*, *O Essencial sobre o Cancioneiro Narrativo Tradicional*, e *O Essencial sobre a Literatura de Cordel Portuguesa*. É investigador do Centro de Tradições Populares Portuguesas da Universidade de Lisboa.

co, do gozo explosivo inerente à aliança entre a ironia e o humor, pelo menos nas sátiras mais caracteristicamente senianas; como se, de facto, no processo de auto e hetero-anulação-regeneração que o anima contra a «estupidez humana que imortais nos faz» (SENA, 1979: 144), o sujeito renunciasse deliberadamente à poética do riso, preferindo uma severidade que rasgue com pertinácia e pesada acritude os tecidos fossilizados do social. Os abundantes e incisivos metatextos senianos acentuam essa opção, essa vocação: porque «a poesia, para possuir aquela eficiência que lhe desejamos, para afinal ser poesia, necessita de uma veemência, de uma paixão, de uma força convocatória das mais primárias volições do homem» (SENA, 1961a: 34). Quando emerge do gosto da agressão virulenta e escandalosa, às vezes originada pelo obsceno mais convencional (como, no epigramático «Rimam e desrimam», com duas ocorrências, «Ah filhos da puta») (1979: 106), o comprazimento no lúdico que ri abertamente ou que pretende despertar o riso é incontestavelmente controlado. Na poesia satírica de Jorge de Sena esperamos a cada lance notações insultuosas e deformantes descarregadas com um repêlo sobre ocorrências mais ou menos isoladas ou sobre cadeias de atributos, de adjectivos substantivados, de versos férteis em expressões idiomáticas e imagens coprológicas (não raro afectas ao calão ou à gíria), de vocativos, de interrogações retóricas, de repetições, em espécies como a epizeuxe, a epífora, a anáfora, a epanalepse ou a anadiplose, prontas a exaurir o corpo tornado saliente, tudo a focalizar o que num certo objecto é a pobreza do infra-humano. A coisa evocada é assim sujeita a uma presentificação intensificada. Através deste efeito de materialização, o conceptual aparece-nos de um modo essencialmente concreto, desdobrado em sentidos verticais engendrados entre si. O que, em parte, pode ler-se dentro de uma lei da enunciação poética (e não só) que Jorge de Sena prescreve em termos que recusam o ordenamento exterior a que, para certos escritores, a obra responde passivamente: «A linguagem vulgar, quando empregada literariamente, não é mais ou menos vulgar, conforme a percentagem de palavras especializadas ou difíceis. Um escritor pode ter um “rico estilo”, e ser de uma vulgaridade flagrante; enquanto outro, com palavras quase todas comuns, pode exprimir muitas ocultas verdades» (1949: 62).

Num trabalho sobre a linguagem com intensidade humana inserida na colectividade, transcendendo-se nesta e por esta, o poema «A Portugal» é um processo implacável de devoração do outro (um país e um mito, um mito-país, conceito que o eco intertextual do primeiro verso logo instrui junto do leitor competente), um ritual flagelador e catártico que fascina e repugna pelas tonalidades intensas do grotesco e do abjecto (os grandes operadores satíricos de Jorge de Sena). Se o discursivismo dialéctico da primeira estrofe – «Esta é a ditosa pátria minha amada. Não. / Nem é ditosa, porque o não merece. / Nem minha amada, porque é só madrasta. / Nem pátria minha, porque eu não mereço / a pouca sorte de nascido nela» (1979: 89) – parece anunciar uma enunciação especulativa sem os

choques caloríficos trazidos pelo calão mais desbocado, a verdade é que o poema acaba por arquitectar-se numa alternância de dois grandes movimentos de sentido interdependentes: um movimento de negação mais pacífica que preserva um certo distanciamento do sujeito, constituído pela primeira ou pelas duas primeiras estrofes e retomado no último verso («Eu te pertenço: mas ser's minha, não»), e um de negação mais adstrito a uma espécie de taquigrafia ** extremada pela qual se processa o fluxo (de ideias e palavras) entre o plano mental e o da dicção, correspondente aos demais andamentos. A sucessão final, nos três versos que antecedem o verso-chave já citado, de nomes predicativos do sujeito, enfaticamente articulados, no terceiro, pelo polissíndeto («eu te pertenço. És cabra, és badalho-ca, / és mais que cachorra pelo cio, / és peste e fome e guerra e dor de coração») (1979: 90), sintetiza, num tom bélico muito mais concentrado, a sordidez, delineada no núcleo central, de um país de gente vil, apática, medíocre, ignorante, supersticiosa, coprófila:

Torpe dejecto de romano império;
 babugem de invasões; salsugem porca
 de esgoto atlântico; irrisória face
 de lama, de cobiça, e de vileza,
 de mesquinhez, de fátua ignorância;
 terra de escravos, cu prò ar ouvindo
 ranger no nevoeiro a nau do Encoberto;
 terra de funcionários e de prostitutas,
 devotos todos do milagre, castos
 nas horas vagas de doença oculta;
 terra de heróis a peso de ouro e sangue,
 e santos com balcão de secos e molhados
 no fundo da virtude; terra triste
 à luz do sol caiada, arrebicada, pulha,
 cheia de afáveis para os estrangeiros
 que deixam moedas e transportam pulgas,
 oh pulgas lusitanas, pela Europa;
 terra de monumentos em que o povo
 assina a merda o seu anonimato;
 terra-museu em que se vive ainda,
 com porcos pela rua, em casas celtiberas;
 terra de poetas tão sentimentais
 que o cheiro de um sovaco os põe em transe;

** O que para Óscar Lopes (1986: 115), que aplica aquela palavra à poesia de Jorge de Sena, é sinal de uma improvisação deformante das virtudes comunicativas da sua poética, para nós significa sobretudo a singularidade de um poeta que não escreve sem antes ter pensado maduramente. Reconhecemos um estilo satírico a Jorge de Sena, mas não um único modelo comunicativo: cada poema, na sua historicidade de linguagem-acto exposta ao eu e aos outros, é a recriação sempre imprevisível desse estilo virtual.

terra de pedras esburgadas, secas
 como esses sentimentos de oito séculos
 de roubos e patrões, barões ou condes;
 ó terra de ninguém, ninguém, ninguém.
 (SENA, 1979: 89-90)

Por mais circunstanciais que tenham sido muitos dos poemas satíricos senianos, a sua actualidade permanece incontestável. Se, num determinado momento, perante os múltiplos matizes da malignidade do ser humano, «fervo de raiva» (1967), há que fazer dessa circunstância um documento literário, um modo de ser poético. Compreende-se: Jorge de Sena é o poeta da sinceridade; para ele, a mais pontual das conjunturas vale de tal modo por si mesma que a existência de variantes diacrónicas de um mesmo texto se torna impensável na sua ideia de criação e de visão do mundo. O poeta é experiência em devir e constrói-se na experiência do poema, que reflecte a sua autenticidade e verdade: uma verdade, insiste Jorge de Sena nos escritos sobre a sua própria poesia e poética, que «está para lá da actividade estética» (1961c: 27). O fingimento, mesmo sendo «a mais alta forma de educação, de libertação e esclarecimento do espírito» (idem: 26), não pode anteceder o desperto e operoso voluntarismo do testemunho, *pari passu* marcado por um analitismo completamente direccionado para o envolvimento histórico. Jorge de Sena reconhece-se co-responsável, e sem máscaras, sem se outrar, pelo seu tempo e pelo seu espaço de peregrinação. Tal compromisso, reagindo contra a sentimentalidade torrentosa de um eu hermeticamente e dolentemente solipsista e lamuriento, no que se prossegue a problematização iniciada pelo Modernismo de *Orpheu*, «concede à poesia uma paradoxal objectividade que as fabricações da perfeição artística são incapazes de atingir, por demasiado dependentes do gosto, quando o testemunho vale pela reflectida espontaneidade que apela e apelará sempre para a comunhão de todos os inquietos, todos os insatisfeitos, todos os que exigem do mundo, para os outros a generosidade que lhes foi negada» (*ibidem*). Ou seja: não se verifica apenas um corte com o pessoalismo romântico; supera-se também o impessoalismo modernista, na medida em que do circunstancialismo das mais insignificantes coisas da vida se transita, no poema e para além dele, para experiências de linguagem e na linguagem, radicadas, em última instância, nos grandes temas ou preocupações universais.

Numa linha temática que se caracteriza pela densificação de uma presença, não é pois por acaso que se recorre a uma imagística do concreto disfemístico, a um arrebatamento semântico que necessita de um léxico paroxístico, de expressões sacudidas por sentimentos veementes, declarativos. Num texto performativo como «Exorcismo» a conexão de sensibilidades e pensamentos entre a consciência subjectiva do poeta e uma como que consciência colectiva de que ele se faz enunciador depende não de um qualquer improvisado desordenado mas antes das técnicas verbais febris do exorcista:

Ó cães da morte, que me uivais, mordeis!
Humanos-infra, que sois morte e cães!
Va de retro, Satana, requiem aeternam
terei sem vos ouvir, nem mesmo ao chiar
de mijo nos meus ossos, quando alçardes perna.
Cães cães de cães e vossos filhos cães
que filhos cães de cães gerarão cães:
haveis de ouvir-me até depois de mortos
e cisco e lama num ranger de dentes:
e os cães de cães de vossos filhos cães
por mais que me uivem hão-de ouvir também
a voz humana que vos foi negada,
va de retro, Satana, abraçadabra.
(SENA, 1979: 124)

Apenas o leitor menos familiarizado com a obra multimodal deste escritor desconhecerá ou não reconhecerá de pronto esta passagem, que aliás figura na contracapa da edição de *Poesia I* das Edições 70: «Tão acusado de intelectualismo, tão adversário da chamada “inspiração”, nada escrevi que de uma vez não escrevesse e não considerasse escrito de uma vez para sempre» (1961c: 28).

Tanto nas sátiras de lirismo social como nas de cometimento mais pessoal, a que a passagem do tempo retira o impacto referencial original mas não dissolve a dignidade da assunção das infinitas insignificâncias da vida, Jorge de Sena, com ponderada fluidez e com confessado horror pela hipocrisia dos que dizem não (querer) ver o comezinho, apropria-se da dimensão viva e desbragada da língua portuguesa. A energia emotiva tonaliza o que no acto de ver e dar a ver, de (e)vidência, é, de modo conjugado, meditação e voluntariedade, superando-se assim, por conseguinte, a dicotomia com que tradicionalmente opomos razão e inspiração. Jorge de Sena mobiliza apaixonadamente as emoções, comunica a sua irritabilidade extrema, pela qual cada vocábulo se prolonga no seguinte como um contágio, uma expansão da vontade. Não é isso, contudo, que, em definitivo, torna o seu caso tão singular, mas, sim, a exuberância da sua tensão interior expressa numa arte literária satírica que inebria os sentidos pelo competente manuseio rítmico, sintáctico e lexical. O que por muitos pode ser confundido com perfídia, com vocação patológica para a vingança (não-poética, para mais), é em Jorge de Sena natureza mediada pelas circunstâncias do fenomenal e do relativo, delírio de transformação das coisas num reflexo da sua própria exigência e plenitude intrínsecas. Nada nele parece acontecer por acaso, ou por qualquer descontrolo de uma auto-admiração desmedida. Conduzido por Arnaldo Saraiva a reflectir sobre a opinião dos que o acusam de continuamente ostentar a sua personalidade irascível, o poeta responde com rara penetração intelectual, enunciando matizes comportamentais e de estilo que poucos coligam ao espírito e à expressão da sátira: «Realmente? Julgava eu que esse mito já havia passado, por se ter revelado inope-

rante para neutralizar-me e destruir-me. Mas, se acaso sou susceptível, tenho a susceptibilidade dos exigentes e dos afáveis, honestamente afáveis. E, se sou agressivo, é só a agressividade do muito amor. Eu não perdo a ninguém a mediocridade, a estupidez, a vileza, a malignidade, a incultura, a suficiência, a intolerância, o espírito de compromisso, a cobardia moral, etc.» (SARAIVA, 1973: 56). O peso dorido das palavras de Sena é pois condição de imunidade do seu canto satírico; e o discursivismo, que resulta da competência de Jorge de Sena para o cerebral, o meditativo, o digressivo, é a garantia e a prova de uma impulsividade especulativa e inteligente que, associada aos roteiros da acção testemunhal, se afirma sobretudo pela marcação de tempos fortes. Mas este registo discursivista, que poderia desestruturar a organicidade do poema, de um eu de excessos convulsos porém plenos de lucidez analítica, não se desenrola sem «uma estruturalidade, uma harmonia, uma arquitectura interna que inevitavelmente pressupõem uma relação primordial a um movimento de estruturação pré-subjectivo» (COELHO, 1972: 221). Isto apesar do prosaísmo de muita da sua poesia, e muito em especial da sua sátira, ou da sua combustão satírica, que, na cronologia da obra poética de Sena, aparece, nas palavras de Luís Adriano Carlos, como o «contrário aparentemente imediato» do «anátema do hermetismo» (CARLOS, 1999: 263), que alguma crítica literária tem envolvido num debate interminável e quase sempre redutor, porque incapaz de perceber que tal escrita se constitui «à vista do leitor, por vezes em movimento de suspensão», estenograficamente (segundo António José Saraiva e Óscar Lopes) (idem: 264-5). Tal composição deliberadamente prosaica, aludíamos a isso acima, não ocorre no nível versificatório ou formal, dado o incontestável equilíbrio rítmico e métrico da maioria dos seus versos, nos poemas mais longos como nos mais aforísticos e minimais.

Em 1958, no prefácio à antologia *Líricas Portuguesas – 3.^a Série*, Jorge de Sena releva a classificação da sátira enquanto género poético, ao lado de outros géneros, mais ou menos secundários ou menores, como o poema didáctico, a epístola, a inscrição ou a fábula; um género que é presidido pelo «espírito satírico», que, «Tem sido dito e é verdade», «é muito característico da poesia portuguesa», desempenhando, esse «espírito de sátira», «um papel às vezes bem mais importante do que, em certos casos, tem sido detectado ou reconhecido» (SENA, 1958: LXXX). Nem precisaríamos de dizer que este é um apontamento carregado de visão e síntese. Judiciosa e bem medida parece-nos ainda a objecção do autor ao lugar-comum que se convencionou denominar, na poesia portuguesa, de «tendência moralística, à qual a sátira daria a mais alta expressão». Porque, «Antes de mais, a sátira, que pretende ridicularizar, não é, nem nunca foi, necessariamente moralizante» (idem: LXXXI).

A sátira e a ironia, para Jorge de Sena, partilham, no essencial, da mesma zona semântica e pragmática. A sátira aparece não apenas como uma técnica literária que, sem carácter normativo, pretende mostrar à consciência as contradições

de superestruturas que reivindicam para si uma axiologia dita para o bem de toda a comunidade, mas também, desde o estádio de fluxo psicológico e fisiológico, como percepção simultânea de impressões múltiplas, com uma implicação de fundo: a apreensão da transcendência do mais imanente, a libertação, contra o alheamento mundano, do livre arbítrio do eu. A ironia, como processo intelectual-emotivo e como procedimento de expressão verbal, age como uma outra-mesma face da sátira. Mas esta também pode ser o duplo daquela. Jorge de Sena, exegeta da sua própria produção literária e ensaística, refere-se a uma «Ironia dupla – que às vezes é sarcástica, que às vezes assume apenas um tom de dignidade ofendida –, uma ironia que, desgostosa e desgostada, se volta sobre e contra si mesma» (1961b: 12). Na complexidade que lhes é comunicada pelo macro-objecto de que se ocupam, quer dizer, a realidade, querem-se ambas transparentes e incorruptas como a verdade, operando num ritmo imparável de vigilância tão-só consciente de uma proposição única: que ninguém deve ceder à comodidade de deter-se definitivamente seja no que for. As matrizes ontológicas em que se sustenta o dinamismo do discurso da sátira seniana são por isso tão diversas e ilimitadas quanto as circunstâncias da própria vida. Essa desenvoltura não é episódica, sabemos-lo. O último poema de Sena, «Aviso a cardíacos e outras pessoas atacadas de semelhantes males», de 19 de Março de 1978, é outro arroubo vertiginoso, o derradeiro em verso, que percorre núcleos de indagação e desafio éticos como o amor, a amizade, a família, a culpa, o pecado, a condição do humano como ser para a morte (também para a morte em vida), a passagem do tempo, o bem e o mal, a, em síntese, solidão trágica do sujeito perante o conhecido e o desconhecido:

Se acaso um dia o raio que te parte
(enfim obedecendo às fervorosas preces
dos teus muitos amigos e inimigos),
baixa de repente gigantesco
e fulminante sobre ti, e mesmo se repete:
e não te quebra todo, e como desasado,
ou quem morto regressa à sobrevida,
tu sobrevives, resistes e persistes,
em estar vivo (ainda que à espera sempre
de novo raio que te parta em cacos) –
– tem cuidado, cuidado! Arma-te bem
não tanto contra o raio mas principalmente
contra tudo e todos. Sobretudo estes.
Ou sejam todos quantos pavoneiam
o consolo de pensar que a morte
não os tocou nem tocará jamais.
Porque não há ninguém por mais que te ame,
ou por mais que seja teu amigo (e,
com o tempo, os amigos, mais que as criaturas
fiel ou infielmente bem-amadas, gastam-se),

que te perdoe que tu não tenhas estourado,
no momento em que se soube que estouravas.

[...]

Porque ninguém, ninguém,
até contraditoriamente porque te amam,
suportam que não sejas quem tu eras,
mas só a morte adiada, o que é diverso
do horror de um cancro que não se sabe
quando matará mas é criatura de respeito,
crescendo em ti como se estivesses grávido.
Assim, meu caro, com coração desfeito
sem metáfora alguma, és apenas uma
indecorosa e miserável chatice.
Portanto, irmãos humanos, se estourais,
estourai por uma vez aliviando
quem vos quer ou não quer por uma vez.
(SENA, 1979: 223-225)

Dizíamos: solidão (circular, obsidiante) entre os seres humanos e solidão na espiral cósmica; e acuidade decepcionada, desenganada, que, pela emoção exaltante feita palavra imperial de protesto e de ira, converte em voz os nossos desassossegos universais.

- Carlos, L. A. *Fenomenologia do Discurso Poético. Ensaio sobre Jorge de Sena*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- Coelho, Eduardo Prado. «Jorge de Sena, a estrutura da poesia e a metamorfose do sujeito». In: *A Palavra sobre a Palavra*. Porto: Portucalense Editora, 1972.
- Lopes, Óscar. «Jorge de Sena». In: *Os Sinais e os Sentidos. Literatura Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.
- Saraiva, Arnaldo. «Jorge de Sena». In: *Encontros Des Encontros*. Porto: Livraria Paisagem, 1973.
- Sena, Jorge de (1949). «Leitura amena e respectivo bom gosto». In: *O Reino da Estupidez – I*. – (1958) *Líricas Portuguesas (Seleção, prefácios e notas)*. 3.^a ed., vol. I. Lisboa: Edições 70, 1984.
- (1961a) «Perplexidades da poesia». In: *O Reino da Estupidez – I*. 3.^a ed. Lisboa: Edições 70, 1984.
- (1961b) «Considerações morais à guisa de prólogo». In: *O Reino da Estupidez – I*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- (1961c) «Prefácio à segunda edição». In: *Poesia I*. 3.^a ed. Lisboa: Edições 70, 1988.
- (1967) «Correspondência Jorge de Sena/Eduardo Lourenço». Wisconsin: USA, 16 de Novembro. In: *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 321, Lisboa, 28-6-1988, p. 7.
- (1979) *40 Anos de Servidão*. 2.^a ed. rev. Lisboa: Morais Editores, 1982.

JORGE DE SENA E O QUINHENTISMO IBÉRICO

Sheila Moura Hue*

RESUMO: Este artigo pretende explorar os estudos de Jorge de Sena referentes ao quinhentismo ibérico e sublinhar o caráter programático dos trabalhos senianos que articulam, numa perspectiva comparativista, as literaturas portuguesa e espanhola do século XVI a um sistema cultural de alcance peninsular.

PALAVRAS-CHAVE: crítica literária; Jorge de Sena; literatura portuguesa; literatura espanhola; quinhentismo ibérico.

ABSTRACT: *This paper aims to overview Jorge de Sena's studies on early-modern literature on the Iberian Peninsula and to emphasize the programmatic intentions of these studies, which link, in a comparative perspective, both Portuguese and Spanish literature to a common cultural system.*

KEYWORDS: *early-modern iberian culture; Jorge de Sena; literary criticism; Portuguese literature; Spanish literature.*

Na nota introdutória a *Francisco de la Torre e D. João de Almeida* (1974), Jorge de Sena, em seu inconfundível estilo combativo, faz um apanhado de sua produção referente ao quinhentismo assinalando o quanto não era valorizada e o quanto nela estavam ligadas a literatura portuguesa e a espanhola, não por uma peculiaridade do interesse do autor, mas, inequivocamente, pela compreensão de que é impossível estudar e entender a literatura produzida em Portugal com os olhos vendados para a Hispânia. No prefácio a este mesmo livro, José V. de Pina Martins, ao comentar a nota introdutória, observa que a obra crítica de Sena só é ignorada por «quem não pode atingir a sagacidade com que ele interpreta textos difíceis e a originalidade com que formula cotejos literários antes não formulados», salientando ainda que «os temas e problemas da literatura espanhola e portuguesa, focados em função de uma interdependência histórica e cultural objetiva» eram infelizmente pouco estudados «pela investigação crítica nacional».

Jorge de Sena talvez tenha sido, na seara do hispanismo português e espanhol, «um solitário independente», como se autodefiniu na incisiva conferência *Hispanismo: archipiélago de glorias y vanidades en el mar-océano de la ignorancia universal*¹, mas ao seu trabalho teremos que necessariamente juntar, em se tratando de enquadramento hispânico, as inestimáveis contribuições de José V. de

* Doutora em Literatura Portuguesa pela PUC-Rio, lecionou na Faculdade de Letras/UFRJ, com bolsa ProDoc da CAPES (2003-2007). Organizou *Antologia de Poesia Portuguesa do Século XVI – Camões entre Seus Contemporâneos e Diálogos em Defesa e Louvor da Língua Portuguesa*, ambas publicadas pela Ed. 7Letras, entre outras edições de obras quinhentistas.

Pina Martins e de Eugenio Asensio. Mas se nestes críticos o estudo dos temas e questões da literatura portuguesa do Renascimento abrigam as incontornáveis ramificações europeias, sejam elas espanholas, italianas ou francesas, em Jorge de Sena a atenção especial aos temas literários ibéricos parece definir-se como um programa.

Combatendo uma concepção de História Literária pautada no conceito de nacionalidade – concepção esta que, apesar de ter sido modelada no século XIX pelas questões que então alimentavam a crítica literária, é ainda empregada como enquadramento teórico em pleno século XXI – e, no que diz respeito especificamente ao quinhentismo, pondo em evidência que o também oitocentista conceito de originalidade é inteiramente alheio às práticas literárias do século XVI², Jorge de Sena nos mostra o quanto não podemos estudar corretamente, ou com alguma pertinência, a literatura portuguesa desse período se a não entendermos como parte de um sistema literário ibérico. Lição que, ainda hoje, talvez não tenha sido inteiramente absorvida.

Se tentarmos separar a produção literária dos escritores quinhentistas por nacionalidades ou idiomas de expressão teríamos sérios problemas. A que literatura pertencem os autos espanhóis de Gil Vicente? O que fazer com Jorge de Montemor, o autor de *La Diana*, que, apesar de português, escreveu toda sua obra em castelhano e na Espanha? O que fazer com as obras bilíngües de todos os poetas dessa época que, com exceção de Antônio Ferreira, escreveram tanto em português quanto em castelhano? O enquadramento teórico que condiciona a História da Literatura à questão da nacionalidade é aqui não só inadequado como prejudicial. Toda a obra crítica de Jorge de Sena sobre o quinhentismo é um libelo contra tal conceito. Como ele mesmo diz, ainda na nota introdutória a *Francisco de la Torre*: «não foram os nossos estudos camonianos o que nos atraiu, inevitavelmente, para estudos de literatura espanhola – sempre ela, por especiais razões de consciência das inter-relações das culturas da Hispânia, e pela nossa curiosidade por outras literaturas, nos interessou».

O vigor dos estudos de Jorge de Sena sobre o quinhentismo ibérico resulta de sua perspectiva comparativista, fazendo dialogar as literaturas e as culturas espanholas e portuguesas, tão imbricadas uma à outra na época, e de uma interdisciplinaridade extremamente fértil e iluminadora. No seu livro *Estudos de História e de Cultura* (constituído de ensaios publicados em fascículos a partir de 1963 na revista *Ocidente* e reunidos em volume em 1967), que ele define como «tão português quanto espanhol», temos a sua vertente erudita genealogista no ensaio «A família de Afonso Henriques» (em que as notas e as «notas às notas» são mais extensas do que o ensaio); o pequeno estudo «O vitorianismo de dona Filipa de Lancaster», onde desfaz o conceito oitocentista do «britanismo» de D. Filipa e de seus filhos numa daquelas revisões históricas tão ao gosto de Sena; o artigo «Os painéis ditos de “Nuno Gonçalves”», no qual discorre sobre o verdadeiro

folhetim de textos críticos que os ditos painéis geraram, numa daquelas investigações histórico-eruditas senianas; e, finalmente, o estudo monumental «Inês de Castro ou literatura portuguesa de Fernão Lopes a Camões, com uma análise estrutural da Castro de Ferreira, um longo estudo com várias abordagens e aspectos [...]», compreendendo 481 páginas, em que vemos, entre outras muitas coisas, que para tão grande amor não foi curta a vida, pois Sena aqui articula uma quantidade impressionante de informações, aspectos e interpretações em torno do tema Inês de Castro, do século XIV ao XVII, unindo história literária e história política e cultural, com todas as suas ramificações peninsulares. Nesse estudo, destaca-se a análise da Castro de Antônio Ferreira, que começa por uma ampla investigação do teatro em Portugal na primeira metade do século XVI, na qual são esquadrihadas as preferências pela tragédia grega ou pela latina por parte dos autores da época (como o português Anrique Aires de Vitória) e toda a atividade editorial ao longo do século de forma a compor um quadro cultural europeu que virá a servir para a compreensão da Castro em todos os seus aspectos. Quando, finalmente, chegamos à biografia de Antônio Ferreira, já passamos, levados pelas mãos de Sena, por quase todas as principais questões da História Literária europeia, e não só as referentes ao teatro clássico. Quando adentramos a Castro propriamente dita, seus problemas de datação, suas duas versões (1587 e 1598), entramos então em um daqueles percursos de investigação em que o palpitante problema envolvendo a Castro e a *Nise Lastimosa* do castelhano («frade vagabundo») frei Jerônimo Bermudez (qual das peças veio primeiro, e qual dos autores copiou o outro) rende deliciosas páginas detetivescas em que é esquadrihada, revista e reavaliada toda a literatura crítica sobre o problema *Castro/Nise*. A curiosidade intelectual no Sena pesquisador parece ser guiada por uma espécie de obsessão, uma curiosidade que o leva a explorar profundamente todas as ramificações sem medo de se perder ou de se afastar do assunto, o que exige a persistência do leitor e o que, talvez, faça com que alguns de seus textos sejam pouco lidos e pouco utilizados em sala de aula. No discurso, já aqui referido, que proferiu em um dos congressos da Associação de Hispanistas, Sena declarou, com sua peculiar ironia: «*la ignorancia o la falta de curiosidad intelectual son siempre voluntarias, y el mayor pecado en la vida de un investigador – casi como pecar contra el espíritu santo, pecado que nos arroja sin remisión en el infierno*». Pois bem, neste estudo sobre a Castro de Antônio Ferreira, o investigador Jorge de Sena, com sua intensa curiosidade intelectual, atinge as alturas do paraíso, onde, em lugar de encontrar-se com Beatriz, leva-nos ao encontro de Inês.

Em seus volumes camonianos, Jorge de Sena combateu uma leitura nacionalista e redutora, promoveu uma nova era nos estudos camonianos, liberando Camões do gesso que o modelava como um monumento da nacionalidade, mostrando-nos Camões no seu tempo, entre seus contemporâneos portugueses e espanhóis, entre as correntes literárias e filosóficas da época, revelando não um

«gênio» isolado, romântico, mas um poeta genial produto de seu tempo. Suas leituras da lírica camoniana se pautam pela compreensão de que é improdutivo ler Camões sem ter em vista o conceito de imitação e a profunda ligação entre as literaturas portuguesa e espanhola. Com Jorge de Sena, ao ler Camões, lemos também Garcilaso, Boscán, Hurtado de Mendoza, Fernando de Herrera, Cetina, Acuña e Jorge de Montemor, lemos o petrarquismo e o neoplatonismo, e lemos ainda Jorge de Sena, o poeta, lendo Camões.

Em *Uma Canção de Camões*, finalizado em 1962, impresso em 1966, dedicado a Antônio Cândido de Mello e Souza e, indiretamente, aos seus anos de pesquisa no Brasil, Sena, antes de concentrar-se na canção «Manda-me amor que cante docemente», historia todo o percurso dessa forma poética, e relaciona a canção camoniana com o irradiador Petrarca, com os italianos Sannazaro e Bembo, e com os espanhóis Garcilaso e Boscán, em um mergulho de «inquérito estrutural» que, além de ressaltar a independência de Camões em relação aos modelos e sua contribuição para a, digamos assim, «evolução» dessa forma poética, acaba por iluminar, globalmente, a canção petrarquista peninsular.

Na tese que apresentou para o concurso de livre-docência na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, em 1964³, Jorge de Sena mais uma vez procede a um daqueles «inquéritos» tão ao seu estilo. Ao tratar do soneto de Camões, trata também de seus contemporâneos e de seus antecessores portugueses, estabelecendo um quadro comparativo com o modelar Petrarca, e ainda com Ariosto, Bembo, Boscán, Garcilaso e Hurtado de Mendoza, e com seus contemporâneos espanhóis Francisco de Aldana, Fernando de Herrera e Gutierre de Cetina. Nesta ampla análise, podemos observar como os esquemas rítmicos de Petrarca vão sendo transgredidos ou obedecidos, ao longo do século XVI. Esse inquérito estrutural servia para o estabelecimento do cânone dos sonetos de Camões com vista à elaboração de uma edição das *Rimas* que, infelizmente, não veio a se realizar. As conclusões de Sena, após esse longo percurso de investigação, reforçam as inferências de seu trabalho anterior, indiciando o caráter programático de sua obra crítica: «isto vem ao encontro de pesquisas e observações nossas (em *Uma Canção de Camões*) que apontam Camões como atendo-se a poucos esquemas predilectos, que lhe bastam para a sua essencialista meditação lírica, que usa do petrarquismo *como de um modo de expressão* de realidades interiores que muito ultrapassam a literatura petrarquista e o próprio Petrarca» (SENA, 1969: 233).

Publicado inicialmente, em partes, na *Revista do Livro*, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1961 e 1967, *A Estrutura de «Os Lusíadas» e Outros Estudos Camonianos e de Poesia Peninsular do Século XVI* foi reunido em volume em 1970 e apresenta-se como um convite aos «interessados» que «estejam dispostos a «aprender» que Camões não é o pastelão patriótico-clássico que durante anos tem sido» (SENA, 1980a: 11). A exemplo do que havia feito com a lírica, neste

volume Sena emprega o mesmo instrumental para estudar a epopéia camoniana. Sua intenção era, acima de tudo, e como diz no prefácio, mostrar Camões em uma nova e renovada luz, longe «das certezas tranqüilas da ignorância, da inconseqüência, da incompetência, ou da insensatez, que caracterizam, desgraçadamente e ainda, a suposta erudição portuguesa». Se Jorge de Sena já havia marcado indelevelmente os estudos da lírica, agora fazia o mesmo com *Os Lusíadas*; mas aqui, em lugar das investigações estruturais que buscavam também averiguar questões relativas ao cânone, temos, como ele mesmo diz, «um guia de leitura», uma chave interpretativa para ler e entender a epopéia. Em «Outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI» (parte agregada ao livro), além de investigações sobre a autoria de uma canção e sobre alguns sonetos e redondilhas, temos uma espécie de complemento de *Os Sonetos de Camões*: um estudo adicional a respeito da prática do soneto na Península Ibérica, agora com o emprego de edições de Gutierre de Cetina a que não tinha tido acesso, com novas informações sobre a poesia de Fernando de Herrera, com a inclusão de dois poetas castelhanos antes não chamados a compor o enquadramento histórico (Hernando de Acuña e Baltazar de Alcázar), e também com análises de Góngora e do português Jorge de Montemor (cuja obra foi toda composta em espanhol), ampliando, desta forma, o escopo das investigações senianas sobre a poesia peninsular.

Em *Dialéticas da Literatura*, impresso em 1973, e ampliado na edição de 1977, temos não só o importante e alentado estudo «A Sextina e a sextina de Bernadim Ribeiro», de 1962, sobre, como diz Sena, «um dos grandes (e mais estranhos) poemas da língua», como também a conferência «Camões: novas observações acerca da sua epopéia e do seu pensamento», de 1972, ano em que se comemorava o quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*. A celebração camoniana gerou uma série de textos nos quais Sena propagou – ainda no tempo do fascismo português e da instrumentalização nacionalista do épico –, em várias conferências, suas idéias de «um Camões provavelmente herético, condenador do Império, antioficial tanto no seu tempo, como hoje». Se, como diz Hans-Georg Gadamer (1997), a cada época os textos são interpretados de acordo com os «preconceitos» vigentes, nunca, talvez, terá Camões sido lido de forma tão revolucionária, tirado diretamente do rígido monumento da nacionalidade fascista para o fulgor da liberdade de pensamento de um poeta a quem, então, passava a ser irmanado, tanto esteticamente, quanto filosófica e politicamente. Essa mesma liberdade de pensamento ⁴ esteve presente, de forma sensacional, nos prefácios às edições facsimiladas das edições camonianas de Faria e Sousa ⁵, que era então reabilitado à luz desse novo e revigorante impulso nos estudos camonianos, cujo marco inaugural fora o estudo «Ensaio de revelação da dialéctica camoniana», conferência proferida em 12 de Junho de 1948, quando ainda não tinha Jorge de Sena 29 anos.

Em 1974, publica-se mais um alentado estudo em que Portugal e Espanha se entrelaçam em enigmas literários, *Francisco de la Torre e D. João de Almeida*, já convocado na abertura deste artigo, no qual duas figuras obscuras saem da sombra para se mostrarem: o primeiro como um admirável poeta quinhentista e o segundo, o organizador da obra poética de La Torre, como um esquecido poeta português castelhanizado. Aqui, Sena realiza o mais extenso estudo sobre a poesia peninsular do século XVI, enfrentando com apetite um dos maiores enigmas da poesia castelhana do século ⁶, sobre o qual se debruçaram vários críticos de diferentes épocas. A dúvida maior recaía justamente sobre a identidade do poeta: para um dos críticos que o estudou, Francisco de la Torre seria o próprio Francisco de Quevedo; para Quevedo, o primeiro a publicar a obra, tratava-se de um poeta do século XV; e para o leitor deste livro de Sena, a certa altura, tudo parece convergir para identificá-lo a D. João de Almeida, o organizador da obra e reitor da Universidade de Salamanca entre 1567 e 1568. No amplo estudo de Sena, a personalidade enigmática de Francisco de la Torre vai sendo, ao longo de apaixonadas páginas, desvelada: um poeta ateu, em que o erotismo, o «dramatismo sexual», advinha de uma «castração sexual» imposta pelas contingências profissionais, e que seria, segundo propõe Sena, D. Miguel de Termón, catedrático de Teologia da Universidade de Salamanca. Neste percurso, temos extensas derivas genealógicas e espantosos cálculos numerológicos, e um embate entre as posições de Sena e os estudos críticos de J. P. W. Crawford e Adolphe Coster, que são refutados ponto por ponto, com afiadas e irônicas argumentações, com minuciosas análises de manuscritos, impressos, e investigações de atribuição autoral em que são revisados quase todos os poetas espanhóis da segunda metade do século XVI. Um trabalho extraordinário, com a inequívoca assinatura de Jorge de Sena.

No que diz respeito aos estudos referentes ao quinhentismo ibérico, temos, a seguir, as publicações póstumas de *Trinta Anos de Camões*, impresso em 1980, e que reúne ensaios escritos entre 1948 e 1978 – esta grande revisão da obra camoniana em vários de seus aspectos, feita com o desassombro, a coragem e o ânimo combativo que caracterizam os estudos críticos de Sena ⁷; o monumental *Estudos sobre o Vocabulário de «Os Lusíadas»* (que seriam a continuação de *A Estrutura de «Os Lusíadas»*), publicado em 1982; e também os *Estudos de Literatura Portuguesa I*, impressos nesse mesmo ano, nos quais se destacam, na temática que aqui nos interessa, os ensaios sobre as cantigas de escárnio e de maldizer, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, além de um esclarecedor texto intitulado «A viagem de Itália», da qual pinçamos aqui uma frase que parece resumir todo o projeto de revisão do quinhentismo ibérico a que Jorge de Sena se devotou:

persistir em visionar o século XVI europeu, à escala do provincianismo burguês que, no século XIX, passou a dominar as culturas «oficiais», é interpretar os contactos pessoais desse tempo, que se realizavam ao nível de espíritos de idêntica formação cultural e análogos aspirações, como o «demi-monde» internacional em que, no nosso tempo,

esses contactos se realizam, à distância, entre o viajante que vai a Paris, e um Paris que não toma conhecimento dele.

A «viagem à Itália» de Jorge de Sena, da qual voltou esclarecido e pronto para esclarecer a sua gente e promover a disseminação de uma nova atitude crítica, foi uma longa viagem, uma peregrinação pelos inúmeros manuscritos, impressos e edições, que seu olhar renovador, seu espírito de investigador obsessivo, legou às novas gerações, registrada em textos apaixonados, e por vezes labirínticos, que nos convidam a repetidas viagens de conhecimento.

¹In *Actas del sexto Congreso Internacional de Hispanistas. Celebrado en Toronto del 22 al 26 de Agosto de 1977*. Sobre a conferência, ver ABREU, 1999.

²A propósito de questões sobre História Literária remeto o leitor ao artigo de ANASTÁCIO, 2003: 45-58.

³Os *Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular*, publicado em Lisboa em 1969.

⁴Parece-me aqui produtivo transcrever interessante trecho do prefácio às *Dialéticas Aplicadas da Literatura* (1978): «Mas sucedia que eu também não tinha – como continuo a não ter – «cartão» de «universitário lusitano», e nunca passei pela obrigatória iniciação de carregar a mala, da estação ao hotel, de qualquer Dona Carolina, macho ou fêmea (com perdão da ilustre senhora), mesmo no mais metafórico sentido. Quem era eu para me atrever a camonizar? No então, aquele estudo de 1948 era já resultado de larga meditação da obra de Camões e do que sobre ele se escrevera, e continuei a meditar no nosso homem».

⁵Prefácio às *Rimas Várias [...] Comentadas por Manuel de Faria e Sousa*, e prefácio a *Lusitadas de Luís de Camões [...] Comentadas por Manuel de Faria e Sousa*, edição facsimilada, Lisboa, IN-CM, 1972.

⁶«Um dos mais fascinantes problemas de identificação autoral da literatura espanhola», como classifica Sena.

⁷«Camões é, mais do que qualquer outro escritor português, um *Establishment* em que a pessoa pode ser admitida, se for cautelosa, reticente, humilde, e respeitosa do que tem sido dito e feito: as qualidades de todo o estudioso decente, mas aqui exigidas para pôr o sujeito no seu lugar que é o de não pôr em causa coisa alguma, e não estragar o negócio de ninguém» (SENA)

Aa. Vv. *Actas del sexto Congreso Internacional de Hispanistas*. University of Toronto, 1980 (1977).

Abreu, Maria Fernanda de. «Jorge de Sena: um olhar quixotesco sobre “a velha Hispania Mater”». In: Santos, Gilda (org.). *Jorge de Sena em Rotas Entrecruzadas*. Lisboa: Cosmos, 1999.

Anastácio, Vanda. «Da História literária e alguns dos seus problemas». In: *Brotéria*, vol. 157, Julho, 2003.

Gadamer, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 1997.

Sena, Jorge de (1969). *Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular*. Lisboa: s. ed., 1969.

- *Francisco de la Torre e D. João de Almeida*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- *Dialéticas Aplicadas da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- *A Estrutura de «Os Lusíadas» e Outros Estudos Camonianos e de Poesia Peninsular do Século XVI*, Lisboa: Edições 70, 1980a.
- *Trinta Anos de Camões*, vol. II. Lisboa: Edições 70, 1980b.
- Sousa, Manuel de Faria e (1972). Prefácio às *Rimas Várias [...] comentadas por Manuel de Faria e Sousa, de Luís de Camões*. Lisboa: IN-CM, ed. facsimilada.
- Prefácio a *Lusíadas [...] Comentadas por Manuel de Faria e Sousa, de Luís de Camões*. Lisboa: IN-CM, ed. facsimilada, 1972.